



Juventudes e Escola Básica

Miriam Pires Corrêa de Lacerda

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brazil

Resumo

Este artigo recorte de uma tese de doutorado analisou uma reportagem intitulada “Com medo dos alunos” publicada em uma Revista de circulação semanal, mediante a qual busquei através da escuta, permitir que se explicitassem conteúdos e significados que vão sendo produzidos acerca de quem é o jovem estudante da Escola Básica brasileira. A escrita deste artigo foi atravessada por dois processos distintos. No primeiro movimento, dediquei-me a examinar o texto da Revista e, ao fazê-lo, busquei entender as formas de endereçamento utilizadas, quando da escrita da reportagem. No segundo movimento, percorri os efeitos dos textos, a partir da escuta sensível que fiz nos grupos focais. Para melhor analisar os impactos provocados junto a educadores (pais e professores) e jovens optei por sustentar minha análise, ancorada em quatro linhas de força. Acredito que a relação com o texto suscitou um espaço agonístico onde proliferaram sentidos sobre as juventudes, e, nesta medida, espero ter contribuído para que, a partir da garantia de espaços de reflexão e discussão se pudesse reconhecer a diversidade dos modos de existir como jovem, no mundo contemporâneo.

Palavras chave: Juventudes; Mídia; Professores; Escola Básica.

Para iniciar...

A reportagem que sustenta este artigo intitula-se “Com medo dos alunos”. Por meio dela, foi traçado uma inquietante imagem dos jovens estudantes brasileiros ao descrevê-los como indisciplinados, agressivos, violentos, sem limites, desrespeitosos, desafiadores, bagunceiros, impunes, com valores morais deturpados, sem aspiração acadêmica e usuários de drogas.

Considerando que essa reportagem foi veiculada no ano de 2005, pode causar estranheza o fato de que, passados tantos anos da divulgação do texto que servirá de base para este artigo, volte-se a ele para pensar na forma como a juventude brasileira, ainda hoje, vem sendo narrada nos meios de comunicação. Em razão disto, passo, inicialmente, a justificar a razão que me fez olhar para trás. Entendo que essa reportagem constituiu-se em um marco diferenciado não apenas pelo fato de investir fortemente na criação de uma determinada figura de jovem – avesso às regras e combinações - mas pelo impacto que causou junto aos professores, como comprovarão, mais adiante, através de depoimentos que aqui serão apresentados.

A escrita deste artigo foi atravessada por dois processos distintos. No primeiro movimento, dediquei-me a examinar o texto da Revista e, ao fazê-lo, busquei entender as formas de endereçamento utilizadas, quando da escrita da reportagem. Perguntei-me: Qual o leitor pretendido por este texto? E não pude deixar de implicar-me na condição de leitora/ouvinte. No segundo

movimento, percorri os efeitos dos textos, a partir da escuta sensível que fiz nos grupos focais, nas rodas de conversa, na vivência como orientadora educacional e professora. Perguntei-me: Quais os efeitos que esse texto provoca no leitor e que movimentos são desencadeados a partir disso? Para melhor analisar os impactos provocados junto a educadores (pais e professores) e jovens optei por sustentar minha análise, ancorada em quatro linhas de força. São elas: Incorrígibilidade, Vontade Moralizadora, Ressentimento e Má Consciência, Nostalgia da Lei.

Incorrígibilidade

Analisando as repercussões do texto, junto aos professores de uma escola particular uma grande cidade brasileira, pode-se entender, na prática, a dimensão que esse tipo de registro assumiu. O artigo que apontou diretamente para uma questão nodal na educação - a relação alunos e professores. O texto tornou claro que os alunos não estavam mais desrespeitando os professores apenas pela via do discurso, mas que, alguns jovens iam para além disto, criando situações de agressão física aos seus mestres.

Relembrando os fatos que aconteceram em uma escola particular, logo após a publicação da reportagem, lembro-me de “alguém” (pois não se ficou sabendo quem foi o autor) afixou o referido texto no mural da sala dos professores, o que permitiu que ele fosse conhecido por todos em muito pouco tempo. Graças a essa “providencial atitude”, quem ainda não o tivesse lido, teve oportunidade de fazê-lo até o final daquele dia. Não é preciso muito esforço para imaginar que isso gerou uma intensa discussão entre os professores. A oportunidade formal disso aconteceu surgiu na reunião semanal quando foi objeto de discussão acalorada, tendo como pano de fundo, quão “empoderados” estavam os jovens e quão oprimidos e encurralados sentiam-se os professores diante dos alunos.

Para justificar seus pontos de vista relembavam atitudes e manejos adotados, tanto por alguns pais quanto por algumas Instituições. Nesses termos, o discurso de uma professora foi representativo de um modo corrente de perceber os jovens com os quais os adultos daquela escola interagiam, cotidianamente.

P1¹- *Os jovens, hoje, são desrespeitosos, não estão envolvidos com as atividades escolares e não são*

¹ A partir de agora, passarei a utilizar as falas de meus interlocutores. Ao início dos diálogos encontra-se a letra P, que não remete à identidade, mas sim, às posições de enunciação. Com tal providência, demarco que existe variação na posição de sujeito.

organizados. De certa maneira, estão alienados em relação à trajetória do país. Em meu tempo, éramos respeitosos e atentos, éramos alegres na/com a aprendizagem, mostrávamos-nos envolvidos com as atividades escolares, tanto na aula quanto fora do colégio. (GPEP)²

O convívio com estudantes e professores tem me permitido observar que muitos docentes constroem uma imagem de aluno, associada ao que acreditam que o jovem deveria ser (estudioso, atento, respeitoso...). Essa desarmonia entre o “pensar” sobre quem devem ser os estudantes e os estudantes que “se apresentam” diante deles leva-os a descrevê-los, quase invariavelmente, pelo signo da falta, do que julgam que todos os jovens deveriam apresentar e possuir.

Desconcertados, face à ineficiência de antigos padrões de relacionamento, quando o assunto é capturar a atenção dos jovens sentados a sua frente nas salas de aula, os professores relutam em admitir que estejam diante de uma nova forma de laço social, a qual, para Forbes (2005), está pautada muito mais na horizontalidade. Tal mudança implica aceitar o fato desses jovens não mais carregarem bandeiras de luta, apresentando, conforme se queixam os seus mestres, uma resistência em se envolver com “grandes causas”, com as quais os adultos embalsamaram os sonhos e mobilizaram ações da sua geração. O depoimento de um professor é exemplar, nesse aspecto:

P2 - *Eu era organizado com o material escolar e informado a respeito da trajetória política brasileira e a trajetória do país. Era feliz! Independente quanto escolha profissional, os jovens de hoje tem uma visão única a respeito do contexto social, falta-lhes consistência argumentativa para suas opiniões. Mostram-se dependentes da família e do grupo social. São angustiados, parecem sem objetivos e são carentes de afeto (GPEP).*

O extrato acima permite evidenciar a maneira como o texto, que ora analiso, operou no segmento professor. Nesse segmento, a juventude é, insistentemente, tomada a um só tempo como universal e como um problema. Quando isso ocorre, cria-se um campo propício para que as análises monolíticas da realidade e da cultura juvenil preponderem.

A seguir, dois excertos recolhidos, respectivamente, com alunos da Escola Pública (P1) e da Escola Particular (P2) no grupo focal que discutiu a reportagem.

P1 - *Eles nos criticam... falam muita coisa...a gente se sente mal assim, sabe...Que mesmo não sendo nós ...esses alunos que botam tarraquinha no banco, botam cordão para os professores tropeçar ...essas coisas, não somos nós. Mas nós ficamos assim... Ah... são os jovens, nós se incluímos entre os jovens ...Daí quem vai ficar mal falado? (GAEPu)*

² Ao final de cada excerto retirado das escutas realizadas durante a escrita da Tese aparecerá entre parênteses uma sigla que irá remeter ao grupo a que pertence aquele depoimento. Assim: (GPEP) significa Grupo de Professores da Escola Particular; (GPEPu) significa Grupo de Professores da Escola Pública; (GJEP) significa Grupo de Jovens da Escola Particular; (GJEPu) significa Grupo de Jovens da Escola Pública; (GPaEP) significa Grupo de Pais da Escola Particular; (GPaEPu) significa Grupo de Pais da Escola Pública.

P2 - *Eu acho que nessa reportagem eles tão falando tanto da escola privada quanto da pública. Sabe... Tão mostrando num geral e querendo falar mal de todos os alunos. Mas eles (os professores) como são? Tão certos... tão normais... sabe... (GAEPa).*

As representações postas em circulação pela mídia, ao oferecer sentido às subjetividades sociais e culturais, conformam-nas de uma determinada forma. Isso se dá pela insistência em tomar o particular como geral. Na esteira de Hall (2001), podemos dizer que damos sentido às coisas pelo modo como as representamos, pelas palavras que usamos, as histórias contadas sobre elas e os valores a elas atribuído.

Especificamente em relação à escola, tal como a concebe um número significativo de participantes do grupo de professores da escola particular, parece que ela se transformou:

P1 - *[...] num espaço mais social se comparado com outras épocas. Quando digo social estou falando de ponto de encontro e não lugar de aprendizagem. Os professores e pais não são mais modelos e sim os ícones da mídia. Estamos diante de uma geração de direitos, sem deveres (GPEP).*

Reconhecer mudanças na forma como se constituem as juventudes implica em ser capaz de desistir de prantear o “jovem universal”, muitas vezes, narrado aos professores durante os anos de sua formação, e que, lamentavelmente, não os abandona.

Vontade moralizadora

Falar da escola e de sua vontade moralizadora implica contextualizar essa Instituição Moderna, por excelência. Em primeiro lugar, tal como a infância, ela não é natural. Foi em um contexto socioeconômico e político de grandes mudanças que se gestaram as condições de possibilidade que permitiram o surgimento da escola na Modernidade. Essa escola, gradativamente, estenderá o seu raio de ação de sorte a abarcar todas as crianças e os jovens. Uma ação que, inicialmente, focou-se no sujeito-aluno, com a separação dos grandes e dos pequenos (para evitar toda e qualquer possível interferência danosa). Evoluiu, então, para um verdadeiro esquadramento de ações, o que implicou na criação de dispositivos de constante vigilância. Nos colégios de então, instituiu-se um rígido processo de controle de pensamentos, palavras e atos dos alunos, que, muito semelhante à confissão, apropriou-se não apenas do corpo, mas imaginou governar a alma.

Assim, a escola moderna, desde os seus primórdios, conferiu especial atenção aos aspectos diretamente relacionados à dimensão do controle, tanto na perspectiva temporal quanto na espacial. Sobre tal dimensão, recaía a quase totalidade das ações da pedagogia, em um alinhamento aos estágios pensados para a educação do homem que, posteriormente, Kant, no século XVIII, veio a propor em “Sobre a Pedagogia”. A proposta de uma educação moralizadora implicará em uma verdadeira forclusão de tudo o que for da ordem da paixão. Isso porque a formação do “bom caráter” implica não só domar a selvageria, mas ainda ter coragem para nos privarmos de algumas coisas. “*Sustine, abstine*: essa é a maneira de se preparar, para uma sábia moderação. [...] *Sustine* quer dizer suporta e acostuma a suportar” (KANT, 1996, p 92). Talvez por essa via, possamos entender porque Kant, antes de

Freud apontou a educação como uma das tarefas mais difíceis que o homem se impôs.

Reproduzindo aqui alguns dizeres ouvidos nas salas de aula, tais como: *Mas o que é isso? O que é que tu estás pensando? Mas onde é que nós estamos? A que ponto nós chegamos?* É possível apreender a forma não só como o professor se coloca em relação ao aluno, mas ainda o lugar que ele lhe confere na relação pedagógica.

Para Pereira (2008, p. 6) tais admoestações:

[...] implicam num certo posicionamento diante do motivo, da coisa feita e daquele que a fez. Essas frases estão ancoradas em um fundamento que é um certo entendimento da razão, que permite que consideremos a existência de um sujeito que tem razão, outro sujeito que não tem razão e de uma “razão” mediando os dois. E o mundo?. Que fim levou o mundo, a coisa acontecida, que suscitou a ralhada? Foi para segundo plano. Porque ele foi colocado na posição de substrato, de suporte, mas depois foi tirado da conversa. Assim: algo acontece, algo se passa. Há um modo dominante de explicar, compreender e julgar isso que acontece. E é esse modo de pensar que sustenta uma atitude em resposta, como efeito daquilo que acontece. [...]Essa ralhada é ao mesmo tempo um juízo acerca do que houve e uma afirmação daquilo que lhe serve de referência e que foi desrespeitado.

Como um exemplo de como a ralhada pode operar, escolhi um relato ouvido em uma escola pública e proferido por uma professora ao entrar na sala de aula alunos da 8ª série e considerar que eles não estavam à postos para iniciar o trabalho que ela proporia. Ao mesmo tempo dá conta da força desse discurso quando articulado ao descaso com os alunos.

P1 - Vocês pensam que eu vou perder o meu tempo e vir aqui para esse fim de mundo para dar aula para um bando de mal educados? (PEPu)

Os debates a respeito das juventudes estão, outra vez, sendo focados no campo da moral. O que se destaca em muitos discursos é a falta de valores, a violência, a falta de limites. Diante de tantas e variadas faltas imputadas aos jovens, a questão desloca-se do desrespeito à autoridade pedagógica dos professores para o desrespeito à autoridade moral de impor respeito, regras, obediência. Nesse cenário, as questões que envolvem professores e alunos voltam-se muito mais para o que fazer com eles? Qual pena deve ser aplicada a seres que resistem a se tornarem obedientes, estudiosos, comprometidos com os deveres, que os adultos entendem que eles deveriam cumprir?

Para muitos jovens que habitam os diferentes territórios sociais, a vida tornou-se uma incógnita, absolutamente distinta do significado outrora atribuído, quando, mediante o cumprimento de mandatos apriorísticos, assegurava um mínimo de estabilidade. Na atualidade, os cotidianos da juventude são potencialmente capazes de abarcar uma plasticidade que implica ser capaz de encontrar um caminho, ou [des] caminho, quando a vida impõe um corte, uma ruptura, um desvio...

Vive-se, pois, um novo momento, no qual é preciso encontrar uma forma distinta de leitura de mundo, uma vez que os grandes padrões já não cabem e tampouco recobrem a multiplicidade das juventudes que se apresentam diante de nós. Assim, episódios que

desestabilizam o mundo adulto que se pensa ancorado em rotinas e segurança passam a ser cada vez mais frequentes.

Épocas como essa, potencialmente ricas, permitem que se intensifiquem as possibilidades de criação e de aceitação das diferenças. Logo, não podemos negar que também comportam, por parte de uma parcela mais conservadora da sociedade, o estabelecimento de contra fluxos, cujo propósito é controlar não apenas seu pânico moral, mas ainda, bloquear, por meio de mecanismos de regulação, a chance de que rupturas entendidas como ameaças se concretizem. Não podemos esquecer, porém, que, nesses casos, a lei pode ser tão produtora de desordem quanto seria a sua ausência, até porque, apela menos às oportunidades ao jovem e mais ao reforço de um modo de vida considerado respeitável e virtuoso.

A utilização, em especial, no que tange à juventude, de medidas repressivas eivadas de um status moral e somada a uma política de linguagem que a descreve como perigosa, violenta, verdadeira ameaça e encarnação do mal, poderá desembocar em soluções que trazem, em seu bojo, a ideia de que é necessário eliminar toda e qualquer possibilidade de sua manifestação.

A escola instalou-se comodamente nos braços do Estado Moderno que ela ajudou a sustentar. A instituição escolar foi o dispositivo responsável pela “captura” da infância, colocando a totalidade de conhecimentos construídos sobre a mesma, a serviço de moldar um futuro que interessava à sociedade. Nesse lugar privilegiado, acreditou que seria capaz de salvar todos os que a ela acedessem pela via da educação. No entanto, foi sacudida pelos ventos das grandes mudanças que a marcaram, desde sua criação até o século XXI, quando sua confortável posição ficou “por um fio”. Os problemas que a narrativa político-pedagógica enfrenta hoje talvez pudessem ser minorados com a disposição de olhar-se de outras formas, reconhecendo suas limitações, desconexões, equivocções, para concretizar a “socialização plena” e para a “formação integral”. Em tempos de fluidez, a grande contribuição da escola, talvez seja repensar o seu papel e o seu inquestionável compromisso de favorecer a formação de homens e de mulheres capazes de viver e de conviver nesse tempo de incerteza.

Ressentimento e má consciência

Os alunos me enlouqueciam, por isso resolvi deixar o ensino e me dedicar a um doutorado. Eu me sentia humilhado. Não havia nenhum respeito pelos professores. Durante o intervalo, meus colegas chegavam à sala de convivência tremendo de raiva. Alguns choravam. E o pior é que não recebíamos apoio nem dos pais, que protegem demais os filhos, nem dos coordenadores, que têm medo de perder alunos (Reportagem).

Percebo no depoimento acima, para além de um desabafo, o ressentimento que presidiu a decisão de trocar as salas de aula, como professor, para assumir-se como aluno em um programa de doutorado.

Na perspectiva psicanalítica, o ressentimento irá surgir quando nos recusamos a implicar nosso próprio desejo. O ressentimento, pela possibilidade que revela

de ser acionado, a qualquer momento, por “ato de vontade ligado ao domínio do eu” (KEHL, 2004, p. 32) diferencia-se da compulsão à repetição, mediante a qual o sujeito reedita inconscientemente, determinadas condutas, na esperança de um dia, obter a supremacia sobre elas: *“Ouvi em muitas reuniões com coordenadores o lembrete de que os pais e os alunos devem ser tratados como clientes e, como tais, têm sempre razão”* (Reportagem).

O tema do ressentimento na atualidade ganha maior destaque, uma vez que passa a ser interrogado do ponto de vista clínico e político. Ressentimento implica, então, sentir outra vez as injúrias, os tormentos. E isso o ressentido sabe fazer muito bem, colocando-se invariavelmente no papel de vítima indefesa, quando ele se confronta, diuturnamente, com suas lembranças dolorosas, seja por recusa ou por impossibilidade de superar algum episódio que o deixou em sofrimento. De certa maneira, é como se ele se alimentasse da dor que sente, pois o ressentido é cúmplice de seu sofrer.

É interessante ouvir o que os alunos nos dizem quando se discute a respeito da constante queixa dos professores em relação àqueles que não os deixam dar uma boa aula. Esses extratos são depoimentos de alunos da Escola Pública e foram recolhidos em grupos focais:

P1 - *Olha eu acho que tem professores e professores, eles não dando a... eles não dando a qualificação certa para nós, nós no futuro não vamos... que nem o colega disse... fazer vestibular ...o aprendizado nosso vai ser fraco ...por isso que eu acho que a escola tinha de melhorar... Esse professor que diz que ganha mal, reclama, reclama do salário ... entrando em greve por causa do salário e aí, quando eles ganham mais salário tem uma outra coisa que eles começam a se queixar... eles não gostam... de dá aula (GAEPu).*

P2 - *Tem um professor... ã... eu to no primeiro ano. E tem uma colega minha que ta no terceiro. E ela dá a mesmaTem um polígrafo, né. Ela dá o mesmo polígrafo nosso para o terceiro ano. E isso que é coisa do primeiro e ela dá no terceiro sendo que lá tinha de dar coisa de terceiro ano... Ela ta nos regredindo. Só pode não... de nós ...Ela não gosta de dar aula mas não vai embora (GAEPu).*

Nas escutas que fiz, não foram poucas às vezes em que os professores se queixaram de seu trabalho, de seu salário, de seus alunos, dos pais de seus alunos, de seus coordenadores. Mas, à semelhança de um mantra que se repete *ad infinitum*, os professores permanecem paralisados, reeditando, todos os dias, as mesmas coisas que os atormentam, nada fazendo para que suas vidas e seus trabalhos sigam outro destino. Há como um “mandato” que os impede de reagir contra quem os ofende, magoa, tiraniza. Bloqueadas quanto à possibilidade de resposta, essas ofensas, essas mágoas voltam-se contra o próprio sujeito. A esse afeto negativo que o ressentido insiste em despertar no outro ao culpá-lo por suas vicissitudes, Nietzsche (2005) denominou “má consciência”.

Na atualidade, ouvimos com frequência maior do que desejaríamos, um discurso que busca responsabilizar primordialmente os alunos (são incompetentes, preguiçosos, sem limite, descomprometidos...) e as suas

famílias (são desestruturadas, não impõem limites aos filhos, não olham as tarefas escolares, têm muita culpa porque trabalham demais...) pelo fracasso escolar.

As palavras de uma professora, em um conselho de classe, são exemplares para demonstrar como atua o ressentimento. Desistindo de empreender a luta em prol do que acredita como educadora, passa a desqualificar os jovens com quem trabalha, dizendo que seus alunos:

P1 - Não querem nada com nada, apesar dos meus inúmeros esforços, pois são extremamente mal educados, desgraçados, fingidos, ordinários (GPEPu).

E, como último argumento, completa:

P2 - Só tenho pena dos bons!(GPEPu).

Os bons, os inofensivos, são os que não a contestam e concretizam a prescrição kantiana de realizar correta e pontualmente tudo o que lhes é mandado. Esse desejo de vingança contra os que lhe opõem resistência, que a consciência do professor recusa a admitir, constitui o fulcro do ressentimento. É isso que faz a professora sentir de novo, e outras inúmeras vezes, o rancor que ela não admite possuir em relação aos seus alunos, os quais, por suas atitudes, tornam muito difícil carregar “a verdadeira cruz” que representa ser professor nos dias de hoje.

Assim, quando um professor diz “eles são uns demônios” (sic), nada mais faz do bracejar para manter a crença em sua integridade de bom professor, que não consegue sê-lo. Ele não consegue ser um bom professor, porque seus alunos o impedem, elegendo nesse caso, como seu algoz uma figura mítica contra qual nenhum humano teria potência para lutar.

Nostalgia da lei

Escutando o diálogo dos professores, foi possível perceber quão saudosos estão de um tempo em que, pela via da palavra, alunos obedeciam cegamente ao adulto. Isso nos leva a pensar na frequente atitude de queixa e lamento que vem caracterizando esse grupo profissional, saudoso de um tempo em que imaginou possuir um poder que hoje lhes escapa das mãos. Essa verdadeira “nostalgia da lei” leva-os com frequência, em suas análises, o fazer o prato da balança pender, negativamente, para o lado da escola na qual trabalham e dos alunos de quem são os professores. O saudosismo expresso pelo grupo de professores da Escola Pública reflete o desconforto docente,

P1 - *Na minha época, não tão distante, não era bem assim...*

P2 - *A gente acreditava mais na palavra do professor....*

P4 - *A gente tinha respeito pelo professor... A gente tinha, não sei..*

P1 - *Respeito. É isso a gente respeitava o professor. Na minha família a minha mãe não admitia eu falar mal do professor. Nem em casa.*

P2 - *É nesse tempo, não se entrava na justiça contra os professores... (GPEPu).*

Uma questão interessante a ser considerada é a origem desse sentimento de inadequação, de estar fora do lugar. Uma das hipóteses bem pode ser o fato de que a escola surge para dar conta da tradição, da transmissão de um legado cultural que uma geração passa à outra e perpetua-se no tempo com um ideário

que pouco mudou, desde então, especialmente, nas suas práticas cotidianas (em que pese à mudança dos discursos). Levando muito a sério, desde sua criação na Modernidade, essa verdadeira “vocação”, observa-se que o espaço escolar é um dos que mais resiste a se constituir em um território de inovação, de ousadia e de experimentação.

Como o professor, muitas vezes, não consegue se apropriar das mudanças, entre outras razões, porque a sua formação ainda segue, pautando-se por parâmetros que não acompanham as crescentes e velozes transformações, esse sentimento de que algo está fora do lugar, insiste em se apresentar. Diante do novo, alguns buscam rever o seu olhar, mas, em muitos casos, o que se constata é um sentimento misto de saudade e de resistência diante do inusitado, do diferente, do que foge ao controle milimétrico que era tão confortável!

Em todos os níveis de ensino, docentes em número bem significativo não aceitam o fato de que é preciso rever determinados parâmetros (tais como: acato às normas, obediência incontestada, não questionamento) que estavam mais adequados há um tempo que já ficou para trás. Essa dificuldade para acompanhar as transformações e a insistência em fazer valer uma cultura construída em saberes hierárquicos vem, entre outros fatores, favorecendo o permanentemente confronto com os alunos.

Exercitando o pensamento maniqueísta, mediante a comparação que leva a colocar em significativa desvantagem a Escola Pública em relação à Escola Particular, a reportagem afirma: “Se o professor de escola particular precisa ter jogo de cintura para lidar com a falta de disciplina o da rede pública precisa ser pós-graduado em regras de sobrevivência” (Reportagem).

Insistindo no julgamento universal, a reportagem, amparada em uma lógica que julga o outro a partir de um único olhar, classifica todos os professores em dois grandes grupos: os sobreviventes e os que têm jogo de cintura. Sobreviventes remetem-me a pensar nas situações a que somos submetidos, independente de nossa vontade e que, por isso mesmo, coloca-nos em situação de vulnerabilidade extrema, acompanhada, na grande maioria das vezes, de nossa total submissão à vontade do Outro. Somos sobreviventes de Hiroshima, do Holocausto, das Torres Gêmeas e agora, de acordo com a mídia, de nossas Escolas!

[...] diante de uma pretensão absolutizante, não há diferença nenhuma entre o mal e o bem: ambos se tornam igualmente irrepresentáveis e igualmente terríveis. Ouso dizer que o ato que se pretende absoluto irá sempre, sem exceção, produzir morte. A vida é indissociável a incompletude, da confusão do vir-a-ser constante que a incompletude promove (KEHL, 2002 p.114).

Em outras palavras, os professores da Escola Pública estão na categoria de “sobreviventes”, porque não tiveram “jogo de cintura” para sair deste grupo. Estar na escola Pública equivaleria, praticamente, a uma condenação que precisa ser mitigada pela exposição pública e continuada de sua incompetência e da qual só tem uma forma de se livrar.

Apontando para a diferença de tratamento dispensado aos seus pares que frequentam um colégio particular, os jovens da Escola Pública identificam, com exatidão, o fato de que as práticas pedagógicas guardam uma relação muito íntima com as práticas sociais, em especial, quando envolvem aspectos relacionados ao uso da lei. Ao falarem, os alunos da Escola Pública dizem-nos o quanto estamos a dever em termos da superação das injustiças que daí decorrem.

Pesquisadora – *Vocês leram uma frase nesse texto... “O professor da rede pública precisa ser pós-graduado em regras de sobrevivência”. O que acham disso?*

P1 - *Eu acho que é difícil tu... Da escola pública, né...*

P2 - *Sim... Tá dizendo é da escola pública.*

P3 - *Que ele... Ele quer dizer que a... Que é difícil conviver com... Com os alunos que... Com os alunos que tem menos dinheiro, com os mais pobres. Que aí tem que ser “perito em convivência”, porque é difícil tu conviver com um pobre, porque eles tão... Dizendo que os pobres são os que não tem educação, e rico tem... Mas não é assim... (GAEPu).*

Chamo a atenção para a troca operada pelos alunos. O texto referia “perito em sobrevivência” e eles - alunos da Escola Pública (GAEPu) - mudaram para perito em convivência. Conviver remete a viver junto. Alude necessariamente ao exercício da tolerância, que implica ser capaz de aceitar múltiplo e que “postula a necessidade de estarmos disponíveis para a diferença em nós mesmos. Logo, precisamos estar disponíveis para a diferença no outro, nos outros” (PEREIRA, 2003, p.30).

Para continuar a pensar

Não é fácil demarcar com precisão o que é a juventude, melhor dizendo, o que são as juventudes. No entanto, é possível pensar na existência de algumas zonas estratégicas da condição juvenil, nas quais as tensões mais radicais da sociedade contemporânea se mostram com maior nitidez. Uma delas bem pode ser a relação dos jovens com a escola.

Além disso, podemos agregar a essa observação o fato de que ainda na atualidade a escola está distanciada da realidade visto que os jovens hoje vão para a escola com outras demandas e outros projetos. Essa constatação acontece tanto na escola particular quanto na escola pública. O que muda é a destinação que se dá a essas demandas.

Este artigo, que não pretendeu ser a resposta definitiva ou apresentar proposições incontestes que dessem conta dos dilemas da juventude contemporânea em suas vivências escolares, Ao longo do texto, destaca-se que por não mais conseguir cumprir as promessas tão caras à Modernidade, a escola tropeça e revela as suas fragilidades. Trágico palco onde se desenrolam infinitas batalhas, o que se escancara é o esgotamento de um modelo conhecido de habitar a escola e a paralisia para buscar outras formas de convivência as quais não sabemos, de antemão, se melhores ou piores, mas sim, que comportam a aceitação da luta e do risco de estar no mundo.

Referências

- FORBES, Jorge. A insustentável violência do ser pós moderno. **Artigo**. Folha de São Paulo, domingo, 23 de julho de 2006, caderno MAIS. J5.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LACERDA, Miriam Pires Corrêa de. **Política de “diabolização” das juventudes**: educação, mídia e subjetividade. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.
- KANT, Immanuel **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1996
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- _____. O sexo, a morte, a mãe e o mal. In A. Nestrovski & M. Seligmann-Silva, M. (Orgs.), **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Rideel, 2005.
- PEREIRA, Marcos Villela Utopias Contemporâneas para a vida coletiva *In* Revista Travessias. UNIOESTE. Programa de Pós-Graduação em Letras Cascavel volume 2 nº 1, 2008.
- REVISTA “Veja”. **Com medo dos Alunos**. São Paulo: Abril, ed. 1904, 11 de Maio de 2005.
- ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.